



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a apresentação do balanço de quatro anos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)

Palácio do Planalto, 09 de dezembro de 2010

Olha, ninguém pode dizer que eu utilizei o PAC politicamente, eleitoralmente, porque é a primeira vez que eu venho a uma apresentação do PAC, desde que nós criamos o PAC.

Eu queria, primeiro, contar uma coisa para vocês: o que é o começo de um mandato e o que é o fim de um mandato. Durante todo esse tempo, o Guido Mantega se sentava comigo às reuniões e ele colocava uma latinha de pastilhas Valda cheia para eu chupar o quanto eu quisesse. Eu já vi agora ele em reunião com a Dilma, ele coloca a caixinha de pastilhas Valda do lado da Dilma. Hoje ele chegou aqui, eu, como estava habituado, falei: Guido, cadê a pastilha Valda? Ele tinha só uma no bolso! Certamente, esqueceu a caixinha na mesa de reuniões com a Dilma. Não tem nada, não. Nada como um dia atrás do outro, Guido.

Olha, primeiro, eu queria, Miriam, te dar os parabéns por esta apresentação, dar os parabéns ao companheiro Guido Mantega pelo sucesso da nossa economia, pelo crescimento do nosso Produto Interno Bruto mas, sobretudo, pela combinação do crescimento econômico com distribuição de renda. Quero cumprimentar o companheiro Paulo Bernardo pela execução do orçamento. Acho que o sucesso de um programa como este, ele se dá quando há combinação perfeita entre os entes federados, entre a qualidade dos projetos, entre a liberação de verba para as obras serem executadas e a agilidade de pagamento das obras. E parece que nós chegamos ao final deste mandato, da primeira fase do PAC, com uma sintonia quase perfeita entre o desejo e a execução. Acho que nós atingimos um patamar, eu penso que



acima da média do que já foi atingido neste país.

Portanto, parabéns aos companheiros que trabalharam e a toda a equipe dos ministros que trabalharam no PAC. Eu estou chegando agora, estou vendo o prato feito, ou seja, não sei quantas queimadas vocês tiveram, não sei as dificuldades que vocês passaram mas, de qualquer forma, eu penso que vocês estão colhendo hoje o sucesso daquilo que vocês fizeram com tanto sacrifício e com tanta teimosia.

Para mostrar que a gente não estava falando nenhuma bobagem e para mostrar que a gente estava fazendo uma coisa que a sociedade brasileira não via desde 1975, é importante lembrar porque a gente tem memória curta: este país, depois do governo Geisel, não teve mais investimento em infraestrutura. É só pegar os números da construção civil, que a gente vai perceber que foram 20 anos de queda, inclusive da oferta de vagas, de postos de trabalho.

Então, este país estava desacostumado. E nós, quando resolvemos fazer esse desafio, nós resolvemos uma coisa inédita: fazer uma coletiva a cada quatro meses. A cada quatro meses o governo inteiro – num primeiro momento coordenado pela Dilma, e agora coordenado pela companheira Miriam – se desnudava diante da imprensa. Nunca houve censura, nunca houve pergunta proibida e nunca houve pergunta que não tivesse resposta, e muitas vezes as manchetes colocavam em dúvida o sucesso do PAC. Tinha até programa de televisão, em época de eleição, que criava caravanas para ficar andando o país para procurar buraco, para poder mostrar que tinha buraco. Se a gente quiser procurar buraco com lupa, a gente acha dentro da casa da gente. Levantem de manhã procurando defeito na sua mulher, para ver quantos ela tem. E se ela se levantar procurando defeito no marido, então é que vai ter defeito.

Nós nunca nos importamos com isso. Nós tínhamos um objetivo, tínhamos determinação, tínhamos decisão política de governo, tínhamos a convicção de que era possível juntar uma harmonização entre o poder do



Estado, o poder do empresariado e o poder dos entes federados, e o sucesso está aí.

Eu ousou dizer, companheira Miriam Belchior, eu ousou dizer que, possivelmente, somente a China, no mundo, hoje, tenha a quantidade de obras em andamento que tem o Brasil.

Você, Gabrielli, eu vou lhe dizer uma coisa. Eu sei que o pré-sal não tem todo o petróleo que eu penso que tem, mas certamente tem mais do que você diz que tem, porque eu sei que você é obrigado a ser conservador e eu sou obrigado a ser muito otimista. Entre nós dois, um dia o Estrella vai contar quanto tem, de verdade, de petróleo nesse tal de pré-sal.

Uma coisa, companheiros e companheiras, em que eu estava prestando atenção na apresentação e nos números que a Miriam colocou aqui, é uma quantidade de obras em andamento, que a gente não tem condições de visualizar todas. É como se fosse uma partida de futebol. Quando o seu time ganha de 1 x 0, aquela merreca daquele gol, você decora ele na cabeça: só tem um gol para mostrar. Mas quando um time é como o Corinthians, que marca muitos gols, a gente não consegue visualizar o melhor porque são todos bonitos. É mais ou menos como as obras do PAC: é difícil visualizar o conjunto das coisas...

Eu fico imaginando a Maria Fernanda, uns tempos atrás: “Quantas casas vocês estão fazendo?”; “Ah, nós temos 5 bilhões para fazer investimento, não sei das quantas”. Hoje você pergunta, ela fala: “Nós temos 77 bilhões... nós temos 80 bilhões”. “Quantas casas vocês contratavam por ano?”, “Ah, quando muito, contratávamos 180 mil”. Neste ano, do Minha Casa, Minha Vida, ela é capaz – se a gente trabalhar um pouco mais - de chegar, no dia 31 de dezembro, contratando um milhão de casas, que nós prometemos ao povo brasileiro que iríamos contratar.

Esse é o resultado de um desafio que ninguém impôs a nós, porque quando é uma coisa imposta de fora para dentro, a gente age como se fosse



uma criança birrenta: a gente não faz, de raiva, a gente recusa. Mas esse é um desafio que nós mesmos nos fizemos. Vocês estão lembrados de que eu tomei a decisão de não colocar prazo, porque se a gente coloca prazo e a gente erra por um dia, qual seria a manchete do dia seguinte? “Lula fracassa”; “Não deu certo”; “Lula prometeu em um ano e demorou um ano e uma hora”. Então, eu falei: não vamos colocar prazo, vamos trabalhar para ver se a gente consegue fazer. E eu seria muito grato à dona Maria Fernanda e ao dom Hereda se pudessem concluir um milhão de casas no Minha Casa, Minha Vida, porque já a partir de janeiro a nossa Presidenta vai ter que começar o Minha Casa Minha Vida 2, que são 2 milhões de casas. Então, vocês imaginem o que vai ser o dobro de casas para apenas os primeiros quatro anos da companheira Dilma. Então, é preciso que a gente seja mais ágil, mais ousado e que a gente faça mais desafios para nós mesmos.

A segunda coisa importante, companheira Miriam, é que enquanto vocês estiverem fazendo a apresentação do PAC, em abril do ano que vem, eu certamente estarei de carro, andando por essas estradas na beira da praia, parando em uma ou em outra para tomar banho de praia e lembrar do que foi o PAC, que possibilitou que eu transitasse livremente, com segurança, nas belas rodovias que o nosso querido Paulo Sérgio tanto trabalhou para que a gente pudesse executar.

Miriam, eu vou dar um número para você, para você guardar: o programa Luz para Todos. Você sabe que em todo comício que eu estou, eu ligo para o Zimmermann e eu quero o número exato. O programa Luz para Todos é o seguinte. Quando a Dilma me fez a proposta do programa Luz para Todos, nós trabalhávamos com números do IBGE, que tinha 2 milhões de residências no Brasil que não tinham energia elétrica. Nós nos propusemos fazer 2 milhões. Quando nós atingimos os 2 milhões, em 2009, os companheiros nossos que tinham entrado a campo para fazer o Luz para Todos, descobriram que o IBGE estava defasado, o número do IBGE, que não



eram mais 2 milhões, eram 2 milhões e 900 e poucas. Eu fui a Recife, e nós assumimos o compromisso de fazer mais 900. Agora eles foram a campo para fazer as 900, descobriram mais 500. Significa que o que eram 2 milhões, estão virando praticamente 3,9 milhões, mas nós já cumprimos, da primeira fase, agora, 2 milhões, 655 [mil] e 352 casas, e já está defasado porque hoje devem ter feito algumas, ontem. Esse número aqui já tem alguns dias. Pois bem, nós já atendemos 13 milhões, 276 mil e 760 pessoas com o Luz para Todos. O objetivo era 10 milhões.

É importante lembrar que cada casa dessas que recebe o Luz para Todos, o passo seguinte é uma geladeira... Aí, Zimmermann, eu acho que você deveria fazer outra pesquisa como aquela que nós fizemos em 2008, fazer uma pesquisa para que a gente soubesse, das pessoas que receberam o Luz para Todos, quantas compraram televisão, quantas compraram geladeira, quantas compraram aparelho de som, quantas compraram liquidificador, quantas fizeram casa de farinha. É importante porque... computador. Por quê? Porque passa a ideia para um cidadão de classe média que mora no centro de Salvador, de São Paulo, do Rio de Janeiro, que nunca viveu sem luz, passa a ideia de que “este governo Lula só cuida dos pobrezinhos”, e não percebe que esse cidadão que recebeu o Luz para Todos, ele compra uma geladeira, ele compra um fogão, ele compra uma máquina de lavar roupa, ele (falha na gravação) indústria, vai gerar venda no comércio da cidade e vai gerar crescimento da economia. Eu acho que era importante a gente trabalhar com esses números, com uma pesquisa junto, aí, ao programa Luz para Todos.

Isso significou, companheiros, 6,7 milhões postes já colocados neste país, por conta do programa Luz para Todos. Quase uma população da Suécia, de postes, nós estamos colocando neste país. A gente começou com poste de cimento, que pesava uma tonelada; depois passamos a poste de madeira, que pesava 390 quilos; e agora estamos fazendo, no Norte do país, com poste de lã de vidro, que pesa 130 quilos. Dois homens do tamanho do Gabrielli podem



levantar um poste daqueles e colocar o Luz para Todos sem trabalho.

Nós, nós já colocamos 1,2 milhão quilômetros de fios – daria para enrolar a Terra 32 vezes. Portanto, esse negócio de aquecimento da Terra, nós vamos enrolá-la com os nossos fios e a Terra vai continuar friazinha do jeito que está, não vai ter o esquentamento de que estão falando, muito menos o aquecimento. Uma outra coisa: um milhão de transformadores foram utilizados no Luz para Todos.

Eu queria chamar a atenção de vocês para a exposição da companheira Miriam Belchior, na questão do gás. Vocês estão lembrados de que faz pouco tempo que nós não tínhamos gás no Brasil, faz pouco tempo que a gente estava encrocado com a Bolívia, faz pouco tempo que a Petrobras dizia: “Não, não tem gás, não tem como achar gás. Vamos ter que importar, vamos ter que regaseificar, vamos ter que fazer uma série de coisas...”. Nós fizemos tudo isso. Mas o dado concreto é que a nossa querida Petrobras parou de queimar gás. Esse é um dado importante, e esse gás está sendo... Falta, Gabrielli, você pedir para alguém da Petrobras, talvez o Duque, fazer uma animação eletrônica de como é que vocês conseguem, lá em Tupi, descer uma tubulação a 2.140 metros de profundidade e fazer um gasoduto lá debaixo d’água. Eu quero saber como é que desce o primeiro cano e como é que vai soldar aquele cano, para andar 300 quilômetros dentro do mar, até chegar em Taubaté. Se você puder fazer uma animação eletrônica... para o povo saber, meu filho, o povo quer saber, não é só a Petrobras que quer saber. A gente fica dizendo essas coisas, a gente não sabe o que é, e eu gostaria de saber como é que vocês fazem um gasoduto a 2 mil metros de profundidade dentro da água. Eu não sei, não tem mergulhador que chega lá, tem? Muito menos soldador. Um eletrodo não funcionaria lá. Então, meu filho, por favor. Para a Dilma... Ou a Dilma, na primeira apresentação, mostrar como é que vocês fazem um gasoduto.

Então, o Brasil está caminhando para a autossuficiência... Eu vou sair



com uma dívida - é importante a imprensa publicar – que desde 2004 eu gostaria que a gente reduzisse o preço do gás de cozinha, e tentamos encontrar formas, tentamos trabalhar formas. Eu queria reduzir R\$ 10,00, e aí, a gente tentou misturar com o cartão do Bolsa Família... O dado concreto é que eu vou terminar o mandato, e não conseguimos, porque a Graça é mão-de-vaca, ela não quer reduzir o gás. Ela agora aprendeu a vender gás e gostou do preço do gás; então, ela não quer, não quer mais fazer [reduzir] o gás. Então, essa é uma dívida que eu espero que a Dilma tenha mais força do que eu para cobrar da Petrobras. Essa bobagem, Graça, a bobagem é o seguinte: é fazer para os 30 milhões de brasileiros que usam botijão de 13 quilos. Ninguém que usa gás industrial vai comprar um monte de botijão de 13 quilos, para economizar. É mais difícil colocar um tamborzinho em cima do outro. Então, pare de ser sovina e faça o barateamento do gás em R\$ 10,00 o botijão, que a gente ainda vai sair ganhando. Se a Petrobras não ganhar nada, mas o povo ganha para caramba.

A outra coisa é a seguinte. Eu tenho dito, companheira Miriam – eu não sei se estou certo, e é importante os ministros ficarem preocupados, para não me permitirem passar coisa que não seja verdade –, mas eu tenho dito o seguinte. Se você olhar o mundo hoje e você vir quais as três maiores hidrelétricas em construção no mundo, hoje, as três estão no Brasil: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte. Eu não sei se tem outro país construindo três hidrelétricas da envergadura... Você que é da EPE, meu caro, veja se é possível.

Da mesma forma, eu tenho dito que não tem nenhum país do mundo, hoje, construindo as quatro refinarias que nós estamos projetando construir no Brasil: a Abreu e Lima; o Comperj, no Rio de Janeiro; a do Maranhão; a do Ceará, que está tudo resolvido, falta só, agora, vocês começarem. Não tem mais índio lá, está resolvido. É começar, agora, a fazer o estudo de solo. São as quatro maiores refinarias em construção, no mundo.



Eu perguntaria, Gabrielli, se existe no mundo alguma indústria de petróleo – a Esso ou a Shell... a Esso é maior do que a Petrobras, não é? A Esso, que é maior do que a Petrobras –, se ela está fazendo o investimento que a Petrobras está fazendo em sonda, em plataforma, em prospecção, em pesquisa. Não está.

É importante... eu queria que quando eu deixasse a Presidência, que a imprensa fizesse uma viagem que não fez no meu mandato, que a imprensa viajasse o Brasil para ver um pouco do que a companheira Miriam Belchior mostrou aqui. E que viajassem até os jornalistas, para fazer turismo, que vocês fossem ao Canal de São Francisco. Que não fossem com o olhar de jornalistas, fossem com o olhar de brasileiros, para ver o que significa a conclusão daquele canal da transposição do São Francisco. Para vocês perceberem que em 17 anos foram feitos na Ferrovia Norte-Sul apenas 215 quilômetros de ferrovia, em 17 anos! E que nós, em oito anos, fizemos quanto, Paulo Sérgio? Nós vamos entregar agora, em Anápolis, no dia 20 – eu espero que você não falte com o compromisso –, nós vamos entregar 1.513 quilômetros de ferrovia e vamos anunciar a ida até Estrela d'Oeste, em São Paulo, que são mais 900 quilômetros.

Então, eu também não acredito que exista no mundo, hoje – talvez com exceção da China – um país que esteja fazendo quase 6 mil quilômetros de ferrovia como nós vamos fazer agora, quando a gente, amanhã, amanhã, der ordem de serviço para o começo da construção da Oeste-Leste, que liga o porto de Ilhéus à Ferrovia Norte-Sul, no estado de Tocantins e, para o futuro, levar até a cidade de Belém. Eu duvido que tenha alguém fazendo isso, não sei se a China está fazendo, mas não conheço.

Porque, com a crise econômica de 2008, todo mundo parou. E o nosso companheiro Guido, como parece que foi da Fórmula 1 na Itália, da Ferrari, acelerou. E o PAC está mais forte, o PAC... Vocês viram que ele não falou aqui em tirar verba do PAC, vocês escreveram coisa errada aí. Ele, aqui, só falou



coisa positiva do PAC. E não adianta tentar inventar intriga entre eu e o Guido, que não tem, não tem. Na dúvida, fiquem com a versão dele.

Então, companheiros, para vocês que andam de carro – sobretudo jornalistas, câmeras... Stuckinha, você vai deixar o governo agora, pode pegar um carro aí, coloca logo o seu pai e o seu irmão dentro, e vai dar uma volta para fotografar a [BR]101 Sul, que está concluída no Rio Grande do Sul, e 80% para ser concluído... faltam 20% para concluir Santa Catarina; a [BR]101 Nordeste, que vocês vão ver uma rodovia que qualquer alemão que for passear de carro em Pernambuco, ou entre Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, ele vai ficar com inveja de na Alemanha não ter uma estrada da qualidade da nossa [BR]101 Nordeste. Não é daquelas estradinhas que você faz no verão, e no inverno já começam a ter buraco. Não, essa é de concreto; essa, vai levar pelo menos 30 anos para começar a fazer manutenção. Queria que vocês fossem visitar – eu já fiz quando era de areia – a BR-364, que liga Assis Brasil, no Acre, e vai até... sai em Dourados, em Mato Grosso do Sul. Eu já fiz isso de carro, de ônibus. Queria que vocês fossem visitar os 900 quilômetros que já estão contratados da BR-163, no Mato Grosso do Sul e no Pará; que vocês fossem visitar a BR-230, 500 quilômetros contratados, contratados, no próximo PAC você já vai mostrar a fotografia, Miriam, das máquinas trabalhando; a [BR]135, no Piauí, liga Piauí... o estado do Piauí, Bahia e Minas Gerais; a [BR]262, em Minas Gerais, que está concluída; a [BR]158, no Mato Grosso; a [BR]242, no Mato Grosso; o Arco Rodoviário do Rio de Janeiro, que tem uma parte pronta já, uma boa parte está pronta; a [BR]282, concluída em Santa Catarina, me parece que vai até perto da Argentina, falta só a Argentina – já falei com a Cristina para asfaltar o lado dela, que aí a gente pode, tranquilamente, ir de carro.

Você sabe que eu fiquei sabendo pela própria Cristina que, um tempo atrás, essas estradas não eram concluídas para dificultar a invasão do Brasil na Argentina. É. Na homenagem que a Cristina me prestou, na Unasul, ela



contou que na época dos militares da Argentina, quando o Brasil estava fazendo Itaipu - que eles ficaram com medo de que Itaipu fosse para inundar Buenos Aires, e ameaçaram o Brasil com bomba atômica - uma das coisas que eles fizeram foi não concluir parte das estradas que tinham divisa com o Brasil para dificultar a entrada do Brasil. Vocês imaginem como é que pensavam em 1970. Graças a Deus, hoje a Argentina é o nosso grande parceiro e temos uma balança comercial de US\$ 35 bilhões, contra US\$ 7 bilhões que nós pegamos em 2003.

Bem, quem mora aqui em Brasília pode pegar todas as estradas que nós fizemos em Goiás, aqui. Logo, logo... eu não sei se acabou aquela parte de Catalão, que dá para sair daqui de Brasília até Santos, de carro, com estrada duplicada.

Bem, depois... É o seguinte, companheiros, é o seguinte... Godoi, você que é do ramo, você não fala... Você nunca mais fale assim, porque “cresceu, cresceu...”. Como é que você falou aí? “... os investimentos em infraestrutura cresceram eu não sei das quantas...”. Godoi, você tem que dizer o seguinte: “Nunca antes... nunca antes na história...”, desde que você é empresário... fica mais forte, você dizer: “... desde que eu virei...” - isso é um jovem ainda, ele não deve ter 20 anos de vida empresarial, vinte e poucos anos – “Desde que eu virei empresário, eu nunca vi a quantidade de investimentos públicos em infraestrutura, como eu estou vendo agora”. Porque não é só investimento, companheiros e companheiras, não é só investimento, não. É o pagamento em dia. Porque teve um tempo, neste país, em que as empreiteiras colocavam máquinas na rua, davam início às obras, não recebiam no primeiro pagamento, não recebiam no segundo, não recebiam no terceiro, as máquinas ficavam paradas e a obra não era concluída. Nós, agora... duvido que tenha tido algum momento na vida empresarial que vocês recebessem tão em dia como vocês recebem agora, duvido.

Eu acho que nós estamos até, Godoi, com excesso de pagamento. Acho



que nós estamos, pelos números do Paulo Bernardo, nós estamos com excesso de pagamento. Ou seja, é tanto pagamento que vocês já não estão querendo pegar algumas obras. Você acredita, Godoi? Olha, é meio-dia e quinze. Eu cheguei aqui, às 9h, e liguei para a dona Marisa. Ela resolveu tirar o mofo do apartamento para a gente entrar de volta. Você sabe que ela quebrou uns negócios lá, e a gente não está encontrando um pedreiro, um pedreiro. Eu vou ter que pedir socorro a você. Um pedreiro, não tem, você acredita? Está todo mundo com serviço até...

Eu acho que é uma crise maravilhosa, essa: a crise do excesso de mão de obra, a crise do excesso de emprego, a crise do excesso de pagamentos em dia... eu acho... e a crise da transparência, porque o que nós vimos aqui é uma demonstração, Miriam, de que valeu a pena a gente acreditar nas apresentações trimestrais. Valeu a pena a gente apresentar, nos colocarmos à disposição, porque o país está atravessando uma fase excepcional.

Eu acho que a companheira Dilma, ela vai pegar o país numa situação privilegiada. Eu diria que o país está andando a 120 por hora. Ela vai ter... ela vai se dar ao luxo de pisar um pouquinho mais no acelerador, se ela quiser; ela vai se dar ao luxo de breicar um pouquinho, se ela quiser. A única coisa, Guido, que eu te peço – você que vai continuar – é o seguinte. Você sabe, porque você me ensinou isso: em economia não tem mágica. Você sabe disso. Foi você que me ensinou, antes de vir para o governo. Nós não podemos perder de vista a estabilidade econômica, nós não podemos perder de vista a responsabilidade fiscal e nós não podemos perder de vista o controle da inflação, porque são três coisas que se a gente perder o controle, quem “pagará o pato” será a parte brasileira que vive de trabalho e que vive de salário.

Então, se vocês conseguirem continuar nesse ritmo... O trem, ele pode ir, sim, a 150. Ele pode baixar para 80, às vezes, para 90, não tem problema. O



que é importante é que ele não saia do trilho, porque se ele descarrilar, para a gente colocá-lo de volta outra vez vai dar um trabalho desgraçado e a gente não sabe quantas pessoas vão sofrer por conta disso.

Portanto, companheiros e companheiras, é a minha primeira e última aparição na apresentação do PAC. Vi, gostei do que vi, gostei do que vi. Acho que vocês foram mais do que profissionais, mais do que competentes. Antigamente, neste país, se apresentava um plano de intenções: era o Brasil em movimento, era o Brasil em Ação, era o Brasil “correndo”, era o Brasil não sei das quantas... Um plano de intenções, que depois a gente não via resultado. Nós não apresentamos um plano de intenções. Nós apresentamos... e também não um plano de metas. Nós apresentamos um conjunto de projetos, de obras estruturantes que vão desde mudar a infraestrutura ferroviária, mas mudar também a infraestrutura de um bairro como o Complexo do Alemão, do Canal da Malária e de tantas palafitas existentes neste país.

Esse é o milagre, é que a mesma importância que nós demos a uma grande ferrovia, como a [BR]101, ou ao Rodoanel de São Paulo, quando nós colocamos 1,2 bilhão, senão não saía o Rodoanel, nós damos importância para tirar uma pessoa que está morando de forma inadequada em uma palafita. Essa grandeza, essa grandeza, Miriam, é que... essa grandeza é que fez o PAC dar certo, e eu tenho certeza de que essa grandeza é que vai fazer com que este país continue dando certo e continue avançando.

No mais, companheiros, muito obrigado pelo trabalho. Quero agradecer, de coração, a todos os companheiros que trabalharam nos Ministérios, que trabalharam nas empresas, porque isso aqui é uma... isso aqui foi uma confraria bem-intencionada de empresários, de trabalhadores, de empresas estatais, de empresas privadas, de governo federal, de governo estadual, e de governo municipal. Eu acho que essa cumplicidade em defesa do Brasil é que permitiu que a gente estivesse aqui, colhendo esses resultados extraordinários.

A você, Jucá, obrigado pela segurança do governo no Congresso



Nacional, no Senado, como líder nosso. Eu acho que nós devemos muito a você, como devemos muito à nossa bancada, como devemos muito a todos que nós ajudaram.

E devemos muito à imprensa. À imprensa, eu queria até dizer, às vezes eu critico, e vocês: “Ah, o Lula está criticando a imprensa.” Não, eu estou apenas alertando. Como eu gosto que vocês me alertem, eu gosto de alertar vocês. O que eu fico estranho [o que eu estranho] é que o rapaz que estava desembarçando a diplomacia americana, como é que se chama? Heim? WikiLeaks. O rapaz foi preso e eu não estou vendo nenhum protesto contra a liberdade de expressão! É engraçado, não tem nada, nada contra a liberdade de expressão de um rapaz que estava colocando a nu um trabalho menor que alguns embaixadores fizeram. Eu não sei se os meus embaixadores passam esses telegramas. Mas olhem, a Dilma tem que saber e falar para o seu ministro: “se não tiver o que escrever, não escreva bobagem, passe em branco a mensagem.” E aí aparece o tal do WikiLeaks, desnuda a diplomacia, que parecia inatingível, parecia a mais certa do mundo, e aí começa uma busca, eu não sei se colocaram cartaz como no tempo do faroeste, assim: “procura-se vivo ou morto”, e prenderam o rapaz e eu não vi um voto de protesto. Ô Stuckinha, pode colocar no Blog do Planalto o primeiro protesto, então, contra a [o cerceamento da] liberdade de expressão na internet, para a gente poder protestar, porque o rapaz estava colocando apenas aquilo que ele leu. E se ele leu porque alguém escreveu, o culpado não é quem divulgou, o culpado é quem escreveu. Portanto, em vez de culpar quem divulgou, culpe quem escreveu a bobagem, porque senão não teria o escândalo que tem. Então, WikiLeaks: minha solidariedade pela divulgação das coisas e meu protesto contra a [o cerceamento da] liberdade de expressão.

Um abraço, gente.

(\$211A)